

# O Livro não morrerá



» JOSÉ SARNEY  
Ex-presidente da República,  
escritor e imortal da Academia  
Brasileira de Letras

Na semana passada, comemoramos o Dia Mundial do Livro (23 de abril), com letra maiúscula, pois o Livro é o meu maior amigo, que Deus me deu no meu nascimento e me acompanhará até o fim. Acredito que vinte por cento da minha vida tenho passado o tempo em sua companhia.

Um dia, em São Paulo, ao almoçar com Elio Gaspari, ele me tranquilizou dizendo que duas coisas não iam acabar com a ameaça dos avanços da internet e do livro digital e concluiu: o jornal e o livro não acabarão nunca. Concordei e fui sedimentando essa convicção.

Hoje sei que alguns segmentos do livro foram atingidos: as enciclopédias e os dicionários já morreram. As minhas enciclopédias Larousse e Britânica já estão com doença terminal autoimune: olham-me com os olhos de amargura, pois há muito tempo não as procuro. Estou de amores novos com a Wikipédia.

Há sete anos participei da Feira do Livro de Guadalajara, convidado por seu presidente, Raúl Padilla López, a maior feira do livro em espanhol do mundo — um extraordinário conjunto com imensos espaços, onde se realizam palestras, seminários, com autógrafos de grandes autores. Ali encontrei García Márquez, Vargas Llosa, Miguel de la Madrid, Néida Piñón, Marisol Schulz e muitos outros. Pronunciei a conferência inaugural. O tema era *O livro e a internet*. Defendi que o livro jamais acabaria e procurei percorrer o longo e grande caminho da escrita, como consequência da linguagem.

Minha geração viveu entre a magia e a realidade. Aconteceram fatos e criaram-se coisas que nunca sonhamos pudessem existir. As descobertas científicas colocaram em nossas mãos milagres inimagináveis. De repente, podemos, com

um monitor à nossa frente, a TV, assistir ao que acontece em todos os lugares e no mesmo instante em que estão acontecendo. Com um pequeno paralelogramo, uma caixinha que cabe na palma da mão, o celular, podemos localizar qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo e com ela falar, comunicar, transmitir notícias, saber do tempo, fazer cálculos e recuperar os recados mandados de outra máquina — o computador —, numa conexão universal onde passam quase instantaneamente todas as informações que eu desejar, milhões e zilhões de dados sobre tudo, que muda a cada segundo, sem um centro organizador e produtor, e vai crescendo à proporção que alguém a ele se agrega, nessa teia que não tem limites, ganha o infinito e se chama rede.

A história é marcada por mudanças mais ou menos bruscas que alteram seu curso. Revoluções, dizemos. A do Fogo, a da Roda, a da Navegação. Com mais razão, a da Agricultura, da Terra Semeada, a do Pastoreio. Também dizemos idades: da Pedra, do Bronze, do Ferro. Mas o que define realmente o homem é sua capacidade de se comunicar. Só com o *Homo habilis*, há 2,5 milhões de anos, surge a capacidade fisiológica da linguagem, talvez com a comunicação simbólica, e apenas com o *Homo sapiens sapiens*, há meros 200 mil anos, surge a linguagem propriamente dita. Não sabemos como surgiu, mas sabemos que ela transformou profundamente a sociedade humana.

Há 100 mil anos a linguagem falada começa a se diversificar. Ela é o instrumento — instrumento tecnológico — que permite a troca, que permite o intercâmbio de cultura, que permite a formalização de estruturas sociais, e é portadora de sua própria transformação.

A tecnologia da escrita foi usada, desde o começo, como instrumento de poder. Cláudio Lévi-Strauss — que foi meu amigo e com quem mantive razoável correspondência — tem uma frase muito forte: a escrita “era usada para facilitar a escravidão de outros seres humanos”. A escrita esteve associada com a estruturação das sociedades, a formação de hierarquias internas e de supremacia externa.

A capacidade de aprender sem mestre foi uma das grandes façanhas da escrita. Mas o

verdadeiro feito foi acelerar a velocidade em que o conhecimento — informação e também sabedoria — era transmitido. Os intervalos da natureza estão sempre em aceleração, e este impulso foi maior: a vida tem 4,3 bilhões de anos; primatas, 10 milhões; *Homo*, 2,5 milhões; *Homo sapiens* e linguagem falada, 200 mil; escrita, 5.300 anos. O brusco passo da difusão da cultura oral para a cultura escrita levou 25, 30 séculos. Uma eternidade, mas um instante. Da escrita para cá, corre a história.

Em Roma, os grandes homens deviam ser também escritores. Era parte essencial de sua reputação a qualidade do que escreviam. Assim a memória de Cícero e César encontra a de Virgílio e Plutarco.

A leitura e o livro caminharam. Na Idade Média a cópia era uma arte, os livros e as bibliotecas, preciosidades. As bibliotecas das primeiras universidades, como a Sorbonne, tinham umas poucas centenas de exemplares. Foi quando chegou a revolução de Gutenberg. Com a imprensa, a difusão do conhecimento daria um salto.

Assim chegamos à era atual em que a internet ameaça o livro em papel.

Nessa era o livro vencerá. É a mais nova tecnologia. Cai e não quebra. Tem todos os programas de computador. Não precisa de energia. Pode ser levado e lido (em) a qualquer lugar: no ônibus, no automóvel, no avião e no banheiro.

Como é gostoso seu cheiro e poder voltar a página para verificar o que foi lido!

Não há melhor presente do que um livro.

Quando visitei os Estados Unidos como chefe de Estado, a Sr<sup>a</sup> Selwa Roosevelt, então chefe do cerimonial da Casa Branca, que escreveu suas memórias, disse que a mais fácil escolha de presente que teve para o presidente que visitava os Estados Unidos foi o meu, porque soube que eu gostava de livro e que ela tinha predileção por Walt Whitman, poeta americano. E dos grandes. Ela comprou a coleção de suas obras completas e ofertou-me.

O presidente Reagan as autografou: “Melhor homenagem eu não poderia fazer ao meu amigo, o Livro, senão estas palavras, desejando que ele faça parte da vida de todos os brasileiros e brasileiras”.



## Cidades seguras: por Bruna, por todas, por nós



» CLAREANA CUNHA  
Mobilizadora no Instituto  
Pólis e no Minha Sampa

» CÁSSIA CANECO  
Diretora Executiva do Instituto Pólis

» KELLY AGOPYAN  
Assessora de projetos no Instituto Pólis

» LETICIA SABINO  
Diretora Presidente do Instituto Caminhabilidade

Caminhar. Um gesto tão cotidiano quanto vital. Mas, para milhões de mulheres no Brasil, especialmente negras e periféricas, caminhar é um ato de resistência. Um deslocamento que deveria ser simples se transforma em campo minado, feito de medo, insegurança e invisibilidade.

Em 17 de abril deste ano, Bruna Oliveira da Silva, mulher, mestranda da Universidade de São Paulo (USP), foi encontrada morta na Zona Leste da capital paulista. Estava desaparecida desde que saiu do Terminal Itaquera, espaço de circulação de milhares de trabalhadores e estudantes. Bruna não chegou ao destino. A cidade falhou. E, com ela, falhamos todos.

Segundo dados da Rede Nossa São Paulo (2023), 67% das mulheres da capital afirmam sentir medo de andar sozinhas à noite. E entre as mulheres negras, essa sensação é ainda mais acentuada. Essa realidade, no entanto, não é

exclusividade paulista. Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) apontou que 45% das brasileiras relatam terem deixado de sair sozinhas à noite por medo da violência.

As desigualdades aparecem nitidamente quando analisamos a chamada mobilidade do cuidado: deslocamentos cotidianos para tarefas de cuidado, como levar crianças à escola, buscar remédios, cuidar de idosos. Segundo o levantamento Sampa em Foco, do Instituto Pólis (2024), 62% das viagens associadas ao cuidado em São Paulo são feitas por mulheres, 53% das quais a pé. Dados da Associação Nacional de Transportes Públicos (2019) mostram que, nas cidades brasileiras, as mulheres também realizam mais deslocamentos por modos não motorizados, o que aumenta a exposição a riscos.

Contudo, onde falta o Estado, emerge a força da coletividade. Em São Paulo, o projeto Caminhando Juntas, do Instituto Caminhabilidade, engajou mulheres de territórios como Real Parque e Jardim Panorama para reimaginar suas rotas. Elas mapearam barreiras: calçadas precárias, iluminação insuficiente, ausência de mobiliários e sinalização, além da insegurança permanente. Mas também desenharam soluções, como melhorias na iluminação, criação de praças, ampliação dos espaços de convivência e caminhos seguros para parques e escolas.

Olhando para o mundo, vemos que outra cidade é possível. Viena (Áustria) incorporou a perspectiva de gênero no planejamento urbano desde os anos 1990. Toronto (Canadá) instalou botões de emergência nos pontos de ônibus. Seul (Coreia do Sul) treina motoristas de ônibus para combater o assédio. Paris está redesenhando ruas para privilegiar pedestres

e ciclistas. E Bogotá (Colômbia) criou os “quarteirões do cuidado”, facilitando o acesso a serviços essenciais para mulheres cuidadoras.

No Brasil, algumas cidades começam a avançar, mesmo que timidamente. Recife, por exemplo, implementou o projeto Olinda Segura para Mulheres, que mapeou pontos de assédio e propôs intervenções urbanas baseadas na percepção feminina. Belo Horizonte criou o programa Espaço Delas, voltado a melhorar a segurança em pontos de ônibus noturnos.

Políticas estruturantes, como a Tarifa Zero, surgem como aliadas fundamentais para democratizar o acesso à cidade. Na Região Metropolitana de Salvador, o número é de 55,8%, segundo dados de 2022 da Secretaria de Mobilidade. Em Curitiba, mulheres também são maioria entre os passageiros do transporte coletivo.

A implementação de tarifas gratuitas, como ocorre em Caucaia (CE), onde a demanda por transporte aumentou 370%, pode promover autonomia, reduzir desigualdades e valorizar o trabalho invisível do cuidado. No entanto, a gratuidade precisa vir acompanhada de políticas integradas de segurança pública, infraestrutura urbana inclusiva e planejamento baseado na mobilidade cotidiana.

A invisibilidade do cuidado no planejamento urbano é evidente. Esse contexto sobrecarrega as famílias e as redes comunitárias, que têm como protagonistas as mulheres e meninas. São mães que se revezam na porta da escola, vizinhas que observam a rua e transformam as próprias casas em creches da comunidade, grupos de WhatsApp que alertam sobre perigos na vizinhança, comerciantes que cuidam de calçadas. Mas essa rede precisa virar política pública com orçamento, plano e prioridade. Não é utopia. É uma escolha. E deve ser norma.

### Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@adabr.com.br

## A dor da distância

Em carta famosa em que deixa transparecer a dor e a saudade que só mesmo os exilados e desterrados políticos são capazes de experimentar, Dom Pedro II, já em idade avançada, lembra-se dos 55 anos dedicados ao serviço da nação brasileira e da falta que sente das coisas típicas do seu país de nascimento. Fala também dos sonhos de voltar ao país, de fazer ainda mais pelo seu povo, deixando à mostra nessas linhas o seu profundo patriotismo e o imenso amor que nutria por tudo o que aprendeu a admirar. Mais do que isso, a carta testemunha o comportamento sempre ético do mais querido dos governantes desta terra, aliado do poder de modo traíçoeiro pelas elites daquela época, descontentes com seu governo, principalmente depois do fim do regime escravista.

Trata-se de um documento que, pelo seu teor e pela sinceridade, se torna atual e um modelo a ser seguido por todos os estadistas. Em momento algum, o imperador deixa-se guiar pelo ressentimento e pelas traições que sofreu, numa demonstração de que aceitou seu destino e seu exílio, para o bem do povo brasileiro.

A carta torna-se atual pelo exemplo que dá e ensina às novas gerações sobre como agir com ponderação e equilíbrio, mesmo diante de tão grandes desafios. Numa época, como a nossa, em que as traições políticas parecem ter se transformado em fenômenos normais e em que os desmandos e a corrupção parecem grassar por toda a parte, nada mais proveitoso do que refletir sobre as palavras desse brasileiro de bem, mandado à força para longe de sua terra natal, que tanto amava.

Escreveu D. Pedro II: “Estou bem velho, mas ainda consigo ver as areias das praias do Rio de Janeiro. Ainda consigo sentir a brisa das manhãs e o cheiro delicioso de café que só minha antiga terra era capaz de gerar. Ao longo da minha vida, tive a oportunidade de viajar pelo mundo, conhecendo novas culturas e costumes. Precisei viajar pelos continentes para perceber que nenhum dos lugares que visitei era tão grandioso quanto o meu Brasil. Percebi que nenhum povo era tão guerreiro quanto o meu povo brasileiro. Percebi que nenhum outro reino, império ou nação tinha as riquezas que nós tínhamos. Sei que não conseguirei agradar a todos, mas lutei por quase 60 anos com as armas que eu tinha. Tentei ser o imperador mais justo possível, e tentei enfrentar os altos e baixos com muita sabedoria. Hoje, a única certeza que tenho é que, se dependesse somente da minha pessoa, muita coisa teria mudado no Brasil, bem mais rápido do que se esperava. Por que não resisti ao golpe de Estado? Você deve estar se perguntando. Bem, porque eu não queria ver mais sangue brasileiro sendo derramado por ambições políticas. Era preferível ter em minhas mãos a carta do meu exílio do que o sangue do meu povo. Confesso que perdi as contas de quantas vezes sonhei que estava retornando para minha pátria. Hoje, sinto que minha jornada aqui neste plano está bem próxima do fim. Quando a minha hora chegar, irei me curvar perante Deus, o rei de todos os reis, e agradecê-lo, do fundo do meu coração, pela honra de ter nascido brasileiro”.

### » A frase que foi pronunciada

“Enquanto se puder reduzir a despesa, não há direito de criar novos impostos.”

D. Pedro II

### Vírgula

» Solução simples para as arduas armadilhas contra os idosos. Realizar um empréstimo consignado sem a autorização do titular isenta o cliente do banco ou do INSS a pagar a conta. Simples assim.

### Ponto final

» Esse assunto recebeu espaço no Legislativo, que agora cria uma lei para multar o banco. Melhor que a multa seria a isenção do pagamento do empréstimo não autorizado. Mal cortado pela raiz.

### Aspas

» “Nesse plano geral do mundo para exterminar os idosos, poderiam começar pelos corruptos”, disse Eliana de Siqueira Alves.

### Exclamação

» É preciso um apelo dos produtores para que o governo reconheça a importância do cacau brasileiro. Mais cacau puro nos chocolates vendidos no país é o que a classe pede. O que parece óbvio precisa ser gritante!

### No Cerrado

» Como sempre, Nicolas Behr canta Brasília em poesia contagiando a todos que amam esta cidade: “Nem tudo o que é torto é errado. Veja as pernas do Garrincha e as árvores do Cerrado.” Veja no Blog do Ari Cunha.

### » História de Brasília

Da lista dos “Dez mais de Brasília” que a minha vizinha ao lado, Katucha, publicou, há um que não é da cidade. O senador Juscelino Kubitschek. (Publicada em 31/5/1962)